

PSICOLOGIA E ONTOLOGIA

Cleoci Rockenbach¹, Alécio Vidor²

Resumo: A psicologia é a ciência que se propõe fazer a análise do homem, da sua psique e dos seus comportamentos, mas até hoje tem se mostrado incapaz de dar solução ao problema homem. A ineficiência e incompletude da psicologia foram apontadas por Husserl, pelos psicólogos humanista-existenciais, e mais recentemente por Meneghetti, que, após anos de intensos estudos e verificação prática constata que a psicologia, sem o fundamento ontológico, não é capaz de compreender nem explicar o homem em sua totalidade. A ontologia é a lógica que o ser opera universalmente. Compreendendo este princípio se transpõe o mundo fenomênico, o mundo das aparências e se chega à essência que substancia todas as coisas e que consente conhecer com exatidão. O presente trabalho apresenta inicialmente o entendimento de Lao-Tse e Parmênides sobre o ser e aborda a metafísica de Aristóteles; a seguir apresenta uma concisa abordagem sobre May, Rogers e Maslow; discorre sobre a crise das ciências e a fenomenologia transcendental de Husserl e por fim apresenta a Ontopsicologia como método para chegar a Ontologia. Não se trata de um estudo aprofundado sobre nenhum dos temas ou autores, mas uma sensibilização ao entendimento da importância da ontologia para a psicologia e para a produção de conhecimento. O trabalho consiste em uma revisão de literatura de cunho exploratório.

Palavras-chave: Ciência; Conhecimento; Nexo ontológico; Ontologia; Psicologia.

Psychology and ontology

Abstract: Psychology is the science that proposes to analyze man, his psyche and his behavior, but until now it has been shown to be incapable of solving the human problem. The inefficiency and incompleteness of psychology were pointed out by Husserl, by humanist-existential psychologists, and more recently by Meneghetti, who, after years of intense studies and practical verification, finds that psychology, without the ontological foundation, is not able to understand or explain the man in his entirety. Ontology is the logic that being operates universally. By understanding this principle, one transposes the phenomenal world, the world of appearances, and arrives at the essence that substantiates all things and that allows one to know exactly. The present work initially presents the understanding of Lao-Tse and Parmenides about being and addresses Aristotle's metaphysics; then it presents a concise approach to May, Rogers and Maslow; discusses the crisis of the sciences and Husserl's transcendental phenomenology and finally presents Ontopsychology as a method to arrive at Ontology. It is not an in-depth study of any of the themes or authors, but an awareness of the understanding of the importance of ontology for psychology and for the production of knowledge. The work consists of an exploratory literature review.

Keywords: Science; Knowledge; Ontological nexus; Ontology; Psychology.

¹ Mestre em Desenvolvimento e Políticas Públicas pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Especialista em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico pela Faculdade Antonio Meneghetti (AMF). Graduada em Psicologia pela Universidade Regional Integrada (URI). Graduada em Assistência Social pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). E-mail: cleociwr@gmail.com.

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Angelicum – Itália). Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino (Angelicum – Itália). Graduado em Filosofia e Pedagogia pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Graduado em Teologia pelo Escolasticado São José. Professor da Faculdade Antonio Meneghetti (AMF).

Psicología y ontología

Resumen: La psicología es la ciencia que se propone analizar al hombre, su psiquis y su comportamiento, pero hasta ahora se ha mostrado incapaz de resolver el problema humano. La ineficacia y la incompletud de la psicología fueron señaladas por Husserl, por los psicólogos humanista-existenciales y, más recientemente, por Meneghetti, quien, después de años de intensos estudios y verificación práctica, encuentra que la psicología, sin el fundamento ontológico, no es capaz de comprender o explicar al hombre en su totalidad. La ontología es la lógica de que el ser opera universalmente. Al comprender este principio, se transpone el mundo fenoménico, el mundo de las apariencias, y se llega a la esencia que sustancia todas las cosas y que permite conocer con exactitud. El presente trabajo presenta inicialmente la comprensión de Lao-Tsé y Parménides sobre el ser y aborda la metafísica de Aristóteles; luego presenta un acercamiento conciso a May, Rogers y Maslow; discute la crisis de las ciencias y la fenomenología trascendental de Husserl y finalmente presenta la Ontopsicología como método para llegar a la Ontología. No se trata de un estudio en profundidad de ninguno de los temas o autores, sino de una toma de conciencia de la comprensión de la importancia de la ontología para la psicología y para la producción de conocimiento. El trabajo consiste en una revisión exploratoria de la literatura.

Palabras clave: Ciencias; Conocimiento; Nexo ontológico; Ontología; Psicología.

1 Introdução

As ciências modernas baseiam-se no modelo científico e visão de mundo cartesiano. Assim a psicologia moderna adapta-se a esse modelo científico positivista e, com isso, dedica-se a estudar o homem nos seus aspectos comportamentais e, em suas psicopatologias, abandonando a essência do seu objeto de estudo. A ineficiência da psicologia para dar solução ao problema humano foi apontada por muitos, então, para compreender e explicar o homem na sua totalidade, é necessário o fundamento ontológico. Isso porque o pensamento filosófico tem papel fundamental na construção das ciências, pois busca as causas e os princípios que possibilitam conhecer o real.

Neste estudo, a proposta é realizar uma descrição breve de filósofos e psicólogos, que abordam o princípio do ser. Já a finalidade é fazer uma introdução para a compreensão do significado mais elevado da psicologia que entende o ser como o fundamento primeiro, cuja apreensão é imprescindível para fazer verdadei-

ra ciência. Não se trata de um estudo aprofundado, mas uma sensibilização ao entendimento da importância da ontologia para a psicologia, bem como à produção de conhecimento.

2 A ontologia e o conhecimento

Pode-se dizer que o ser é a plataforma, a base sobre a qual se faz ciência, se faz psicologia. Sabe-se que a ontologia refere-se à lógica do ser. Para compreender a lógica, desse princípio, aceita-se para alguns filósofos que, ao longo da história, abordaram esta temática. Dois são os filósofos antigos que trataram com maior intimidade o ser e permitem uma aproximação para a sua compreensão, Lao-Tse e Parmênides.

O livro Tao Te Ching, escrito por Lao-Tse por volta do século VI a.C., possui a essência filosófico-religiosa do taoísmo. Para a filosofia oriental, Tao significa o absoluto, a suprema realidade, a divindade, a inteligência cósmica, a fonte original da vida, a realidade insondável e inominável. Ser e Existir são a realidade total. Para o existir, o ser total é incognoscível, isto é, usando

as lógicas racionais do existir não se consegue colher a totalidade do ser, colhe-se o ser apenas segundo a medida humana. No entendimento de Lao-Tse (2011, p. 32): “O ser infinito se revela nos existires finitos, é uma ausência invisível que realiza todas as presenças visíveis”. Esclarece o autor que, uma vez que se sabe o belo, pode-se conhecer o feio, quando se conhece o bem, se é capaz de reconhecer o mal, assim como o Ser e o Não-ser.

Tao é a origem de todas as plenitudes, seguindo-se o Tao, pode-se conhecer a origem de tudo. O Tao possui três qualidades inseparáveis: invisível, inaudível e impalpável que, juntas, formam a unidade que flui constantemente e não pode ser designada com um nome apropriado. O ser é o princípio gerador da totalidade. Apresenta-se, para a nossa inteligência de existentes, como uma vacuidade, o nada que gera o todo. Para fazer compreender a atuação do invisível no visível, Lao-Tse (2011) usa a metáfora do oleiro, o qual faz o vaso da argila, demonstrando que o que dá utilidade ao vaso é o oco, o vazio, não a argila. Da mesma maneira, o vácuo que existe entre as paredes, com suas portas e janelas, é o que dá utilidade à massa, à matéria de uma casa. Complementa o autor: “assim são as coisas físicas, que parecem ser o principal, mas o seu valor está no metafísico” (p. 47). O ser é imóvel e sem forma, é o vácuo o berço de todos os possíveis. É como o ar que enche um fole, embora vazio e invisível produz força e movimento.

Tudo que floresceu e frutificou retorna às suas raízes e ali encontra a calma, encontra o seu destino. Esta é uma lei eterna e quem a conhece recebe a iluminação. Quem, no entanto, não obedece a essa lei atrai a própria desgraça. Quem a conhece é tolerante, sem preconceitos, com-

preensivo e, por isso, soberano, logo, será Uno com o Tao e estará a salvo de todo mal. Acentua Lao-Tse (2007) que os ensinamentos sobre a moralidade e o dever surgiram quando o Tao se perdeu. As desavenças e desacordos familiares fizeram surgir os ideais do dever filial e o amor paterno. Ou seja, sofre-se o mal quando se está fora do Tao e criam-se deveres, morais e regras externas para restabelecer uma ordem que é intrínseca.

Parmênides, como todos os filósofos do seu tempo, buscava encontrar um princípio último, explicativo de toda a realidade. É o primeiro a compreender que esse princípio não se encontra entre as coisas materiais, mas é um princípio metafísico, o ser, “a única categoria verdadeiramente capaz de abraçar todas as coisas e de exercer por isso a função de princípio primeiro de cada realidade” (MONDIN, 1998, p. 67, tradução nossa).

O filósofo expõe seu pensamento através de poemas, destes, alguns fragmentos encontram-se em Mondin (1998), a partir do qual, realizou-se esta breve exposição. Nos seus poemas, Parmênides aborda dois aspectos principais: a possibilidade de conhecer e o princípio primeiro das coisas, o ser.

O ser é o objeto próprio da investigação metafísica. Nada está fora nem é maior do que o ser. Somente o ser é, fora do ser nada é. O ser é inato e imóvel; sendo sempre, não nasce nem perece. O ser não pode nascer, porque seria o não ser e o não ser seria o nada e do nada, nada pode surgir. Parmênides ensina que, para examinar essa questão, deve-se afastar do caminho da opinião que nasce das muitas experiências dos homens e debruçar-se apenas com o pensamento sobre a via que diz que é.

Ao se analisar as virtudes do ser, destacadas por Parmênides, pode-se relatar que o ser é inato, imorredouro, íntegro, eterno, sem início e sem fim, perfeito, ‘não tem falta de nada’, é completo, contínuo, imóvel, indivisível, sem partes, todo inteiro, penetra tudo, é todo pleno de ser: “o ser não pode não ser completo, de fato não necessita de nada, porque se faltasse algo, faltaria tudo” (PARMÊNIDES, apud MONDIN, 1998, p. 71, tradução nossa). O ser é descrito pelo filósofo como uma esfera redonda, igual do centro a qualquer de suas partes.

Quanto ao problema do conhecimento, para Parmênides (apud MONDIN, 1998), existem duas vias que consentem ao homem chegar ao conhecimento das coisas, a via da razão que leva à verdade e a via dos sentidos e da experiência que leva à opinião. O conhecimento, obtido por meio dos sentidos e da experiência, se fixa na aparência e pretende testemunhar o nascer, o perecer, o mudar das coisas, isto é o seu ser e o seu não ser; esta via conduz à opinião (doxa), a qual é acompanhada do erro. Conforme elucidada Mondin (1998, p. 69), “a razão, que se regula segundo as exigências da lógica, conduz à certeza, que se faz acompanhar pela verdade. Esta é imutável, reta, infalível”. Com esta posição Parmênides explicita que o proceder dos sentidos, da opinião, do cálculo sobre as coisas aparentes é a via da opinião, que não vai além do mundo da matéria, dos fenômenos, por isso, não dá garantia de certeza, nem de verdade.

O filósofo grego Aristóteles, preocupado com o problema do conhecimento, desenvolve um método que possibilita a demonstração através da racionalidade lógica e evidência. Estabelece os princípios primeiros do pensamento, as regras primeiras, através das quais, procede o

nosso raciocínio, pois a dificuldade na investigação da verdade pode não estar no objeto, mas em nós mesmos, em nossa razão. Aristóteles (2012) percebe que o desejo pelo conhecimento é uma tendência natural do ser humano e são os sentidos, em especial a visão, que contribuem para o conhecimento das coisas. Os sentidos são a principal fonte de conhecimento, mas não indicam a razão das coisas. Por exemplo, através dos sentidos percebe-se que o fogo é quente, mas não o porquê de o fogo ser quente. A percepção sensorial, comum a todos, é fácil e não pode ser designada sabedoria. Sábio é aquele que conhece todas as coisas sem conhecer cada uma individualmente; é aquele que consegue compreender coisas difíceis. Logo, sabedoria é o conhecimento de certas causas e princípios. É através destes e a partir deles que outras coisas passam a ser conhecidas.

A busca pelo entendimento das causas e dos primeiros princípios não visa a qualquer utilidade prática, é um estudo que tem por finalidade escapar da ignorância, é realizado por amor ao conhecimento e surge depois que todas as necessidades da vida já foram realizadas. A ciência que realiza esse tipo de estudo é a filosofia e é a única independente, pois existe por si mesma. O conhecimento das causas possibilita o conhecimento de cada coisa particular. Na sua explanação sobre as causas, Aristóteles afirma que “nada é gerado ou destruído, visto que há alguma entidade que se conserva sempre e da qual todas as demais coisas são geradas [...] e aquilo de que uma coisa é gerada é sempre seu primeiro princípio” (2012, p. 48).

Dos tipos reconhecidos de causas, a essência, ou natureza essencial da coisa, conserva-se sempre, não pode ser gerada nem destruída, é

eterna. O conhecimento da essência assemelha-se à sabedoria, pois, conforme Aristóteles (2012, p. 86, grifos do autor), “conhece mais aquele que conhece *o que é* uma coisa, do que aquele que conhece seu tamanho, qualidade ou capacidade natural de atuar ou ser objeto de ação”. É possível conhecer todas as coisas, na medida em que elas contêm alguma característica, que é singular e idêntica em todas, algo universal.

Quando se buscam os princípios e as causas supremas, é do ser que se devem apreender os primeiros princípios e as causas supremas. E o mais certo de todos os princípios é a impossibilidade de, simultaneamente, ser e não ser, “é impossível pensar em qualquer coisa se não pensamos em *uma* coisa. [...] É impossível que *ser homem* deva ter o mesmo significado que *não ser homem*” (ARISTÓTELES, 2012, p. 113, grifos do autor), pois todas as coisas têm que ser ou afirmadas ou negadas. Assim, o ser das coisas pode ser definido pela sua configuração, posição, ordem, lugar, tempo, atributos das coisas sensíveis, e, portanto, possui uma diversidade de sentidos. Por exemplo, a soleira de uma porta é uma soleira porque está posicionada de certo modo e *ser* uma soleira significa estar assim posicionada. Esclarece Aristóteles (2012) que se devem compreender os vários tipos de diferenças, pois estas são os princípios do ser das coisas.

A disciplina que estuda o ser é a ontologia. Segundo Meneghetti (2015), ontologia é o tratado que estuda e descreve o ser, o ente em todos os seus aspectos, é o conhecimento do ser em todos os seus atributos e modos de adaptação. É a abordagem daquele conhecimento elementar que dá o sentido: é ou não é, e é inútil falar do que não é. Ontologia refere-se à primeira causa

que dá a garantia da certeza, da exatidão; é o fundamento que faz a existência. Os modos da racionalidade humana ou são fundados no ser, ou não têm sentido. Nas palavras de Meneghetti (2015, p. 34), “a mente humana deve começar a entender o que é, é necessário tentar isolar este ‘fantasma’ que substancia qualquer coisa”. A ontologia trata da base do conhecimento simples, concreto, único, a partir do qual se desenvolvem todas as especificidades das ciências.

A argumentação de Meneghetti em torno do tema ontologia inicia com a elucidação sobre o núcleo fundante do ser humano, o elemento primordial presente em todas as ações humanas, no modo de existir, de ver, de tocar, de saber, de duvidar. De acordo com o autor, na racionalidade e experiência humana, há um dado primordial “que não é constituído pelos sentidos, pela matéria, ou pelo sujeito, mas pelo ‘é’: ou é, ou não é” (p. 33), antes de qualquer coisa se é.

Para fazer racionalidade ontológica, Meneghetti (2015) esclarece que se deve partir do primeiro princípio: o ser é, o não ser não é; “o ser é, e quando é não pode não ser” (p. 21). Ao compreender esse princípio, transpõe-se tudo o que é fenomênico, transcendem-se as aparências, os acessórios, para chegar “a um ponto que substancia causalmente todos os outros pontos. Trata-se de superar tudo o que é a percepção sensorial, até mesmo a própria consciência, o próprio modo de conhecer, falar etc. [...] Fazer racionalidade ontológica significa encontrar aquele ponto que intenciona sem ser fenômeno” (MENEGHETTI, 2015, pp. 19-20).

O autor expressa que, pelo estudo e compreensão da racionalidade ontológica se chega a uma coerência de lógica racional, se evade do discurso obsessivo e da contradição que pre-

valecem sempre que se inicia uma análise ou pesquisa, pois aqueles demonstram a perda do ponto que substanciou e motivou aquela busca ou pesquisa. Para Meneghetti (2015, p. 21), “racionalidade ontológica significa possuir a técnica intelectivo-racional conexa com a lógica que o ser opera tanto universalmente quanto em cada existente que aparece”.

3 A psicologia humanista existencial

A fim de dar um delineamento inicial à psicologia, pode-se retomar o significado que os antigos filósofos atribuíam aos termos *logos* e *psique*. *Logos* era entendido como o liame, a ligação com o Cosmos, com o todo, o que dá a dimensão de totalidade a um discurso tornando-o inteligível. De acordo com Spinelli (2012), para os pré-socráticos, *logos* significava a alma do mundo. Segundo esse autor, “*logos* é o que torna manifesto e, portanto, inteligível, uma qualidade ontológica do princípio vital. [...] É a expressão de uma *inteligência* cósmica operante, que arquiteta, da tensão e oposição de contrários, a ordem ou harmonia do Todo” (SPINELLI, 2012, p. 181, grifos do autor). *Logos* é a inteligência do Cosmos, é a demonstração da sabedoria da natureza.

Psique, para esses filósofos, é o princípio vital, um princípio de harmonia (harmonia é a unificação de muitos elementos), o princípio motor. A *psique* é a revelação metafísica da combinação proporcional da ordem cósmica, na qual inúmeros elementos estão unidos entre si, segundo proporções convenientes. Para Spinelli (2012, p. 118), “*psique* contém a ideia de movimento contínuo, permanente e eterno: é um vigor, uma força, uma vitalidade unificante

e criadora”. É um princípio [*psique*] de animação ou intenção vital. Complementa o autor, “um princípio em virtude do qual um ente vive e cumpre suas operações de vida: quer uma intenção biológica, quer, no caso humano, uma intenção ou atividade de consciência, inteligente ou racional” (2012, p. 118).

Basta tomar a palavra psicologia, no sentido dos termos dados pelos grandes filósofos clássicos, para perceber a grandeza e importância dessa ciência e compreender quanto o uso e direcionamento atual, apenas como ciência descritiva dos fatos, dos comportamentos, dos fenômenos, está distante dessa grandeza.

Quanto à necessidade de dar novamente um fundamento ontológico à psicologia moderna, muitos autores chamam atenção para esse problema. Como preâmbulo à fundamentação ontológica à psicologia, neste estudo, analisa-se o posicionamento dos psicólogos da Terceira Força da psicologia, denominada Psicologia Existencial. Incluem-se aqui, Rollo May, Carl Rogers e Abraham Maslow que compreenderam que a psicologia, como as demais ciências, desenvolveu conquistas técnicas relevantes, mas com isso reprimiu a consciência do ser, a consciência ontológica.

O psicólogo existencialista Rollo May constata que, no mundo ocidental, ocorre uma repressão do sentimento do ser, o sentimento ontológico, devido à excessiva valorização da técnica, ocasionando um processo de perda da autoconsciência. Para o autor, “na falta de alguns conceitos sobre o ‘ser’ e o ‘não ser’, o homem não é capaz de compreender nem mesmo a maioria de seus mecanismos psicológicos” (MAY, 1988, p. 18). Falta então uma estrutura fundamental na qual se basear para dar realida-

de psicológica aos termos psicológicos sobre os quais se discute. May argumenta que as forças e dinâmicas psíquicas sistematizadas pela psicanálise só são relevantes em nível técnico descritivo e admite que existem muitas lacunas na concepção que os psicólogos modernos fazem sobre o ser humano.

No entendimento do autor, os existencialistas procuraram analisar os temas fundamentais da natureza humana, a fim de criar uma base para os sistemas terapêuticos específicos. Buscaram, portanto, analisar a estrutura da existência humana. O existencialismo é a forma de compreender o homem evitando a dicotomia entre sujeito e objeto. Para o autor, “a questão crucial será sempre o fato de que eu existo neste dado momento no tempo e no espaço” (MAY, 1988, p. 53, grifos do autor). As dinâmicas psíquicas, mecanismos, padrões de comportamento, substâncias químicas que compõem o homem são aspectos interessantes, porém não são essenciais. May (1988, p. 54) elucida que “a procura das essências pode produzir leis universais significativas para a ciência”. A terapia existencial considera importantes os dinamismos e padrões comportamentais, mas estes só fazem sentido quando analisados no contexto total da pessoa no momento presente, o autor acrescenta que “o caráter distinto da análise existencial é estar ela relacionada com a *ontologia*, a ciência do ser [...]” (MAY, 1988, p. 99).

May expressa seu entendimento sobre o ser nestes termos:

A palavra *ser* é um particípio, uma forma verbal que implica em alguém estar passando por um processo de *ser alguma coisa*. Seria necessário que o termo *ser* fosse assimilado, quando usado como substantivo comum, em seu sentido de *potentia*, a origem da potencialidade;

ser é a potencialidade pela qual a semente se torna uma árvore ou cada um de nós se torna aquilo que realmente é (MAY, 1988, p. 105, grifos do autor).

O psicólogo e psicoterapeuta humanista-existencial Rogers (1982) reconheceu que ainda precisavam ser descobertas leis que permitissem a compreensão total da personalidade e do comportamento humano, pois aplicando, na prática clínica, as teorias e leis existentes o resultado esperado nem sempre sucedia. Em alguns casos, o processo terapêutico produzia os efeitos desejados, em outros, aplicando-se as mesmas teorias e técnicas, o resultado não se verificava e ainda permanecia um mistério a cura ou resolução do sintoma.

Quando Rogers descreve o fim último da psicoterapia centrada no cliente, afirma que é “tornar o homem um organismo humano” (1982, p. 105). No entendimento do autor, à experiência visceral e sensorial, comum a todo o reino animal, acrescenta-se a tomada de consciência, da qual apenas o ser humano é capaz. Há assim um organismo consciente das próprias exigências e necessidades fisiológicas, consciente das exigências sociais e da cultura, da necessidade de relações de amizade e de engrandecimento pessoal. Rogers faz a seguinte descrição sobre o fim da psicoterapia:

quando esta capacidade única de ser consciente que o homem possui funciona de forma livre e integral, vemos que temos diante de nós, não um animal que devemos temer, não uma besta que devemos controlar, mas um organismo capaz de alcançar, graças à notável capacidade integrativa do seu sistema nervoso central, um comportamento equilibrado, realista, valorizando-se a si mesmo e valorizando o outro (ROGERS, 1982, p. 105).

O entendimento que se tem é que Rogers supera a visão pessimista do homem, que predominava na sua época e que concebia o ser humano dotado de um inconsciente constituído por instintos destrutivos, irracionais, sociais, que precisam ser controlados e dominados. Reconhece que o íntimo da natureza humana é positivo, afirmando que, no interior do homem, existe um núcleo de positividade, de sociabilidade, dirigido para a evolução e desenvolvimento. No entanto, falta-lhe compreender a psique, o princípio vital, o princípio motor que constitui o homem. Mesmo quando descreve o processo terapêutico, refere-se exclusivamente ao aspecto fenomênico, sem adentrar no numenon. Rogers refere-se ao íntimo da natureza humana, vendo-o como um elemento corpóreo, não considera esse íntimo como um princípio metafísico, somente essência. Embora o autor refira a que a finalidade, o objetivo final da vida seja tornar-se aquilo que se é, e faz menção passageira ao ser de Lao-Tse, no entanto não chega a compreender a radicalidade do ser.

Maslow (1962), por sua vez, concebe o homem dotado de uma essência, alicerçada biologicamente, a qual é intrínseca, dada e invariável. O homem, além de sua constituição biológica, possui uma natureza interna, primordialmente boa. Essa natureza interna ou essência não é dissociada do biológico e é, em parte, singular em cada pessoa e, em parte, universal na espécie. O autor considera a possibilidade de estudar cientificamente essa natureza interna, para descobrir o que o homem realmente é em seu âmago e chama de “consciência intrínseca” a percepção que cada um tem das próprias capacidades, da própria “vocação na vida” (MASLOW, 1962, p. 31). O indivíduo deve ser fiel a

sua intrínseca natureza e não renunciar a seus talentos inatos. Caso renuncie, em seu íntimo profundo, o indivíduo percebe o mal que fez a si mesmo e despreza-se por isso, imputando-se uma autopunição que resulta em neurose. É a negação ou desconhecimento do princípio que constitui o humano, que produz o mal, a distorção, a neurose, a doença. O mal não é intrínseco à essência do homem, somos neuróticos na medida em que carecemos do nosso eu originário.

Maslow (1962) descreve o crescimento, o desenvolvimento saudável, não simplesmente impulsionado para a satisfação de necessidades, que ele denomina motivação de deficiência, mas impulsionado para alcançar um grau de satisfação maior que o anterior, cujas novas experiências validam-se por si próprias e não por critérios exteriores. Este processo de autoconstrução sofre a interferência de dois conjuntos de força que todo ser humano possui dentro de si: um conjunto que se apega à necessidade de segurança, com medo de se desenvolver, tendendo à regressão; e outro conjunto de forças que impele para a totalidade e à singularidade do Eu.

Maslow (1962) fez estudos sobre o que ele denominou *peak experience* ou experiências culminantes, momentos de felicidade e realização supremas, considerando-as como experiências de indivíduos que atingiram um alto nível de maturação, saúde e realização pessoal, em que se vivencia a entrada em regiões mais elevadas da natureza humana, a entrada no puro Ser. A experiência culminante, segundo o autor, “é boa, desejável, intrinsecamente válida, perfeita, completa, provoca uma reação de reverência, encantamento, espanto, humildade, exaltação, devoção, [...] de rendição diante de

algo verdadeiramente grande” (p. 110). Maslow (1962, p. 101) nomeou esses estudos de “Psicologia Positiva ou Ontopsicologia, pois se trata de seres humanos sadios e em pleno funcionamento e não apenas dos normalmente doentes”, chamou-a de Psicologia do Ser por se interessar mais pelos fins do que pelos meios.

Os psicólogos humanistas deram um novo direcionamento à psicologia, que passou a descrever o homem a partir de sua positividade, de suas potencialidades. Perceberam que o inconsciente humano não é a sede de monstros e perversões, mas no seu íntimo, a natureza humana é fundamentalmente positiva e boa. No entanto, não alcançaram a concepção da totalidade do ser descrita por Lao-Tsé e Parmênides, pois lhes faltava a filosofia. Chegaram a intuir que o homem possui um núcleo fundante que ainda precisava ser compreendido e expressaram que a psicologia iria evoluir a fim de abranger esse conhecimento e essa nova força da psicologia se chamaria Ontopsicologia.

Meneghetti, que teve uma séria formação clássica em psicologia, expõe que, “quando comecei a ler as análises, os tratados de Jung, Rogers etc., notei logo que estes estudiosos falavam de psique, mas não sabiam o que era: a eles faltava completamente o conhecimento da enorme formação clássica referente ao que é a psique, a alma” (MENEGETTI, 2005, p. 36, tradução nossa). A formação clássica em psicologia, conforme descreve o autor, dedicava o primeiro ano de estudos à denominada psicologia inferior, que abordava os sentimentos, as percepções, o contato, os sentidos, o corpo, a diferença entre a ordem vegetal, animal e humana. Nos anos subsequentes, estudava-se a psicologia superior que abordava os conceitos

de pensamento, mente, alma, intelecto, faculdade e a análise, a descrição, a causalidade e a especificidade desse feixe de conhecimento, sendo essa a estrada para compreender o intelecto.

4 Husserl e a fenomenologia transcendental

O filósofo Husserl, no início do século XX, denunciou a crise das ciências europeias, uma vez que estas perderam o seu fundamento de sentido. Em virtude do longo alcance e êxito das ciências positivas, esta crise significa a da humanidade como um todo. Para Husserl, a crise das ciências não significa questionar o seu rigor científico, as suas realizações ou resultados, mas remete ao “*enigma da subjetividade*” (HUSSERL, 2012, p. 3, grifo do autor). Remete ao que a ciência pode significar para a existência humana. Um conjunto de ciências, as quais se reduzem aos fatos, pouco contribui para o desenvolvimento da humanidade genuína, esta é a sua crise. As ciências positivas abandonaram questões cruciais para o homem, como as do sentido ou ausência de sentido da existência humana. Conforme esclarece o autor, “é uma crise que não atinge as ciências especializadas nos seus resultados teóricos e práticos, mas que abala, contudo, de um lado a outro, todo o seu sentido de verdade” (p. 8).

Husserl (2012) se refere ao mundo da vida como “o fundamento de sentido esquecido da ciência da natureza” (p. 38). O autor aponta que, já em Galileu, ocorreu a substituição do nosso mundo da vida cotidiano – o mundo experienciável, efetivamente perceptível – pelo mundo matematicamente alicerçado das idealidades. Essa substituição foi transmitida aos cientistas fisicalistas dos séculos subsequentes.

Galileu foi também o herdeiro da geometria, porém esta geometria não era mais a geometria original. A geometria antiga, explica Husserl (2012, p. 39), também já “estava afastada das fontes originárias da intuição efetivamente imediata e do pensar originariamente intuitivo”, era já um ofício, uma técnica esvaziada de sentido. A agrimensura prática não opera com idealidades, mas com este pensar intuitivo originário. Essa operação pré-geométrica foi o fundamento de sentido para a geometria das idealidades e para a invenção do mundo ideal da geometria. Husserl denomina de “negligência funesta” o fato de Galileu não ter se perguntado pela operação que originalmente deu sentido e configurou a geometria ideal. Foi a operação que, inicialmente, atuou sobre o mundo empírico e imediatamente intuível do qual se originou a idealização. Parecia óbvio que a geometria, com o seu perceber particular, imediatamente evidente, criaria uma verdade absoluta e aplicável. Essa obviedade, no entanto, era uma ilusão que não foi percebida por Galileu, começando então, como afirma Husserl (2012), “a substituição da natureza pré-cientificamente intuível pela natureza idealizada” (p. 39).

No entendimento de Husserl (2012), a roupagem dos símbolos, da ciência matemática da natureza, substitui o mundo da vida e faz com que se tome pelo verdadeiro ser aquilo que é um método em busca de um contínuo progresso das ciências. Essa roupagem faz com que o sentido próprio das teorias, ou do método, permaneça incompreensível. Por esse viés, a ciência assemelha-se a uma máquina que produz resultados muito úteis e qualquer um pode aprender a manejá-la sem compreender o sentido próprio e a necessidade metafísica de tais realizações.

Fazer ciência tornou-se uma tarefa mecânica, sem compreender nem o sentido originário, espiritual, nem o fim último, embora, no cientista, a faculdade de conhecer o verdadeiro ser em si seja implicitamente inata.

A fim de recuperar a compreensão do início, da natureza intuível, deve-se proceder através de um avançar e retroceder em ziguezague, como explica Husserl (2012, p. 46), “uma clareza relativa de um lado traz alguma elucidação do outro, o qual, por seu turno, se reflete de novo sobre o lado contrário”.

Quando faz uma introdução ao significado do mundo da vida, Husserl elucida que tudo que se expõe nele possui uma corporeidade, embora não seja um mero corpo, pois possui propriedades espirituais, psíquicas ou outras. O homem, na sua egoidade, é concretamente somático, mas não é só eu-sujeito completo. O mundo, universo unitário dos objetos existentes e o homem estão em relação mútua e, ao viver a relação mútua no mundo, o homem pertence ao mundo e este é o seu mundo, segundo a consciência. O homem é afetado por objetos pré-dados na consciência e volta-se para um ou outro objeto, segundo seu interesse, são, portanto, objetos temáticos.

Ao se tomar consciência de que se parte de certas obviedades, de certos pressupostos e penetra-se em uma nova dimensão em busca de sentido e de validade dessas obviedades, abre-se uma infinidade crescente de novos fenômenos. Estes fenômenos são puramente subjetivos e não meras facticidades de processos dos dados sensoriais, são processos espirituais que exercem a função de constituir figuras de sentido. Desse modo,

nenhuma ciência objetiva, nenhuma psicologia que tenha pretendido ser ciência universal do subjetivo, nenhuma filosofia tornou alguma vez temático este domínio do subjetivo ou tampouco o descobriu efetivamente. [...] Este é um domínio subjetivo inteiramente encerrado em si mesmo, que é, à sua maneira, que funciona em todo o experienciar, em todo o pensar, em todo o viver e, por isso, está em toda parte e indelevelmente presente, sem contudo ser jamais apreendido pelo olhar, jamais apreendido e compreendido (HUSSERL, 2012, p. 91).

A filosofia, como fundadora das demais ciências, e a psicologia, como ciência da subjetividade, não podem ignorar a subjetividade, que é o seu próprio fundamento. Ao se questionar a obviedade dos pressupostos, percebe-se a unidade da vinculação de sentido e validade que perpassa todas as produções da mente. Uma verdade só pode tornar-se compreensível na medida em que as funções transcendentais, as funções da subjetividade pertencem a uma dimensão da espiritualidade viva. E ela pode tornar-se cientificamente acessível por um método de abertura apropriado. Já a ciência é uma realização espiritual humana que ocorre no mundo da vida, o mundo pré-dado, no qual está contida toda a práxis vital do homem, tanto a científica quanto a pré-científica (a vida prática cotidiana). O mundo da vida e tudo que nele ocorre é o substrato para verdades em si, das quais é possível aproximar-se sempre com novas abordagens. Para o cientista fisicalista, objetivamente interessado em atividade científica, é a experiência relativa ao sujeito que fundamenta a validade teórica e funciona como fonte de evidência e fonte de confirmação. O mundo da vida pode ser de fato experimentado e intersubjetivamente confirmável através da evidência originária.

O método de acesso ao tema de estudo da ciência consiste em uma diversidade de epochés, consiste na suspensão de validades que estão em execução, suspensão de enunciados lógicos que estão em uso. O primeiro passo do método, a primeira epoché é em relação às ciências objetivas, é a suspensão de qualquer tomada de posição crítica interessada na verdade ou falsidade de um conhecimento. Com esta epoché supera-se também aquela obviedade, nunca formulada cientificamente e que nunca conduziu a uma universalidade científica essencial, obviedade produzida por uma operação idealizadora das ciências objetivas. Assim se chega ao *a priori* universal, o do puro mundo da vida, com isso as ciências lógico-objetivas alcançam uma fundamentação efetivamente radical.

Um passo adiante no método, Husserl aponta que é necessário viver desperto no mundo pré-dado, o qual é solo de toda e qualquer práxis, científica ou não. Viver desperto, para o autor, “é ser desperto para o mundo, ser constante e atualmente consciente do mundo e de si mesmo como vivendo no mundo, vivenciando efetivamente, realizando efetivamente a certeza de ser do mundo” (HUSSERL, 2012, p. 116). Para se alcançar esse estado, é necessária a decisão voluntária da pessoa. Na segunda epoché, epoché universal, supõe-se colocar em suspensão também o mundo pré-dado, o mundo da vida, para entrar no universo do que é puramente subjetivo. A pura subjetividade passa a ser a concretizadora de validade. Através da epoché universal, vislumbra-se o horizonte universal da vida intencional, que é a produtora e detentora de sentido.

A terceira é a epoché transcendental ou redução transcendental da atitude natural, é a adoção de uma atitude acima da vida universal da cons-

ciência, acima da subjetividade individual. Como explica Husserl (2012, p. 123), com essa mudança de atitude, consegue-se “libertar do vínculo interior mais forte e mais universal de todos e, por isso mais oculto, o vínculo da pré-doação do mundo” e descobre-se a correlação universal do próprio mundo e da consciência deste, pois o mundo pré-dado é um fenômeno, uma aparência do ser em si. Assim se obtém a correlação plena do ente com a subjetividade, e esta, de acordo com Husserl (2012, p. 124), “como constituinte do sentido e da validade do ser”.

Para o autor, a psicologia é a ciência que, originalmente, se ocupa da subjetividade universal. É, portanto, o caminho para a filosofia transcendental. No entanto, a psicologia moderna adotou, como fundamento do seu método, o modelo das ciências da natureza, tornando-se ciência objetiva concreta, movendo toda a sua construção teórica sobre o mundo empírico pré-dado, o mundo da vida natural. Está assim vinculada cientificamente ao que é descritível, nomeável, ao psíquico que é exprimível.

Na psicologia, considerou-se a mente em um sentido igual à natureza corpórea, equiparando-se às ciências da natureza, mas que deixa de abordar o que é essencialmente próprio: a mente como tal. O trabalho da psicologia moderna não foi infrutífero, ela fez descobertas úteis sobre a mente humana, com objetividade científica. Contudo, não alcançou a essência própria da mente, do ser psíquico, do ser em si, a essência da experiência interior que é acessível ao pesquisador-reflexivo através da percepção da própria interioridade ou autopercepção. Para o psicólogo chegar ao seu puro objeto de pesquisa, que é a pura mente, deve assumir, no seu fazer profissional, uma atitude permanente

de pesquisador e ‘espectador desinteressado’ de si mesmo e de todos os outros, deve fazer uma epoché universal e radical. Deve abster-se de qualquer posição quanto às validades das pessoas colocadas em foco. Husserl (2012, p. 194, grifo do autor) afirma que, “na originalidade primordial da sua própria vida e, a partir dela, ele tem os conviventes e as suas vidas, e, assim, cada vida se estende intencionalmente, com a sua intencionalidade própria, até a vida de cada um dos outros e todas, de maneira diversamente próximas e distantes, estão entrelaçadas numa vida comum”.

O primeiro tema, para o psicólogo, é a vida ativa da pessoa, a vida da consciência, o aspecto mais superficial que, inicialmente, se torna visível quando adota a atitude de observador desinteressado. As profundezas intencionais se abrem progressivamente com a experiência, assim como o método em si e a conexão das coisas. Para Husserl (2012, p. 198), “somente pelo método puro consciente da epoché universal pode o ser em si e para si de um sujeito tornar-se, na sua integral concreção, campo temático”. Na epoché, o mundo se torna fenômeno e o que resta não é um conjunto de mentes separadas, interioridades singulares, mas assim como há uma natureza universal, há também uma única conexão mental, todas as mentes estão unidas interiormente pelo entrelaçamento intencional da vida. Para as mentes, na sua essência, não há uma separação exterior, todas as mentes constituem uma única unidade de intencionalidade.

5 A Ontopsicologia e o nexa ontológico

O filósofo e cientista Meneghetti, ao longo de dez anos de intensa prática clínica, condu-

ziu pesquisas sobre a atividade psíquica na sua causalidade primeira. Nessas pesquisas, realizou três descobertas a respeito da constituição do ser humano: Em Si ôntico, campo semântico e monitor de deflexão³, desenvolveu e testou o método ontopsicológico, o qual permite conhecer o homem em sua totalidade, incluída a compreensão do ser. É um método para autenticar e desenvolver o homem criativo, o homem autorrealizado e dá também solução ao problema do conhecimento, pois reporta a lógica do Eu à lógica do Em Si ôntico, que é o nexo do Eu com o todo.

Cada individuação é única e irrepitível e é aspiração em direção ao inteiro, ao uno. Quando a aspiração ao uno é, de alguma forma impedida, nasce o alheio, perde-se a identidade unitária e experimentam-se a angústia e a falta de sentido. A função da psicoterapia é reencontrar a identidade original, reconstruir a capacidade de ser uno vinculado ao ato voluntário do indivíduo e devolver a sua positividade funcional. Como elucida Meneghetti,

uma cura da alma, ou seja, psicoterapia exige uma compreensão psicológica (os processos lógicos da mente) e uma compreensão ôntica (os processos lógicos da mente têm um fulcro motivante e estruturante que os determina histórica metafísica, isto é, uma fenomenologia do ser, daquele ser que é uno) (2004, p. 94).

Nesse sentido, a psicoterapia é ontoterapia – ter cuidado com o ser – e o estudo do ser na alma do homem é Ontopsicologia.

Com relação à possibilidade do conhecimento e à possibilidade de fazer ciência, Meneghetti (2003a) menciona que não é possível

³ Para aprofundamento sobre as três descobertas, ver MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2010.

investigar o real se antes não se conhece a si mesmo, e qualquer percurso científico é antes uma busca existencial. Toda problemática, em relação ao conhecimento, decorre da dissociação entre as lógicas racionais e o quântico existencial psicobiológico que cada um é. O núcleo que estrutura o orgânico psicobiológico do indivíduo, o núcleo da atividade psíquica, é o Em Si ôntico. Ao se conscientizar o quanto se existe e conduzir esta existência com progressiva funcionalidade, chega-se ao íntimo do ser. Cabe à Ontopsicologia fazer a reintegração da consciência sobre a informação orgânica, quando a razão coincide com o ser.

Meneghetti (2003) descreve o ser como o princípio que é apriorístico a qualquer existência, o primeiro movente, depois do qual, o homem começa a existir. Para o autor, “Ser é a palavra mais simples, mas mais terrível, pelo universo de sentido. Apenas se dá uma presença de realidade de qualquer tipo, de qualquer causa, em qualquer circunstância, não se pode proceder nem mesmo com o pensamento se não usamos o verbo ‘ser’” (MENEGHETTI, 2003, p. 62, tradução nossa). Nós existimos dentro do ser, mas a nossa racionalidade consegue compreender este princípio.

O ser humano possui um núcleo, uma virtualidade que consente a participação no ser eterno. Cada indivíduo, antes de ser homem, antes de ser pensante, é um real capaz de refletir o ser que é. Todavia, para refletir com exatidão, é necessário primeiramente remover todas as opiniões culturais, religiosas, políticas, econômicas etc. O homem provém da natureza, possui, intrinsecamente, a ordem, a lógica da natureza, porém, ao invés de se conduzir segundo esta ordem, guia-se pelos estereótipos sociais. Quan-

do exerce o seu voluntarismo, baseia-se sobre as leis societárias, com isso, perde o princípio do ser, que é o princípio de tudo.

O homem é uma unidade de ação⁴, encontra-se no interior de um universo semântico e mede o real pelas variáveis endógenas, pelas reverberações que ocorrem no íntimo de si mesmo, mede as variáveis como parte do íntimo daquilo que quer analisar. Meneghetti (2003a, p. 45) explica que “da variabilidade de si pode-se saber qualquer coisa que está em relação consigo. Podem-se medir as relações que nos dizem respeito, observando atentamente a variável intrínseca onde se existe. Não há outra autoridade ou outra certeza fora desse proceder”.

A ordem que o real dá a cada momento denomina-se Em Si ôntico⁵. É este o critério para fundar qualquer ciência. Conforme indica Meneghetti (2003b), para fazer ciência, é necessário um fundamento, um critério, um princípio que legitime o discurso. Existem dois gêneros de critérios para fundar qualquer ciência: o critério convencional e o critério de natureza. O critério convencional, ou opinião, é estabelecido pelo consenso de um grupo. Os cientistas estabelecem, convencionam um critério; assim, a exatidão ou objetividade da ciência é medida segundo a conformidade ao critério preestabelecido, não se busca o que é real, mas o que é conforme. Quanto ao critério de natureza, Meneghetti descreve que

o critério de natureza é uma medida que procede por evidência, responde a uma intenção de natureza e concretiza o objeto ou campo pré-escolhido. [...] Evidência significa a verdade daquele fato que nasce de mim que vejo, isto é, nasce do mesmo princípio através do qual se existe (2003b, p. 119, tradução nossa).

Em relação às ciências, nota-se que nenhuma parte de uma evidência para fundamentar os seus processos, todas partem de um pressuposto hipotético que é aceito pela sociedade. O critério de natureza é o Em Si ôntico, é o fundamento, o princípio, o critério que legitima toda a Ontopsicologia. Observando a própria interioridade, percebe-se que, no íntimo do próprio organismo, preexiste uma lei, uma ordem, uma intenção, uma predisposição colocada pela vida, que determina cada um de certo modo. É uma ordem apriórica, um fato que se dá antes de cada existente.

Para afirmar a capacidade, a faculdade, a autoridade do conhecimento, é importante verificar o instrumento, o critério no interior de si mesmo (MENEGETTI, 2005). A causa primeira, que pode garantir a certeza de ser, de existir, de conhecer, capaz de certificar o objeto como verdadeiro, é o intelecto. O autor define o intelecto, como:

O intelecto é um ente e colhe por *intuição* (portanto não por representação): dentro ao dentro, íntimo ao íntimo, ser no ser, ser ao ser. A sua característica está na sua essência – ser – por isso conhece por intuição, porque o intelecto *intenciona* o que lhe é similar, igual. [...] No último ponto de conhecimento o sujeito afirma que o outro é. De cada coisa se diz que ‘é’. Portanto a especificidade do intelecto é aquela de *conhecer por ação interna de si mesmo no interno do outro*, do ser ao ser. [...] É uma evidência interna, não tem necessidade de demonstração ad extra: o sujeito sabe o que é e é o que sabe (MENEGETTI, 2005, pp. 45-47, grifos do autor, tradução nossa).

⁴ Para aprofundamento sobre o conceito de unidade de ação ver MENEGETTI, Antonio. **O monitor de deflexão na psique humana**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2005.

⁵ Ver MENEGETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2010.

A consciência humana começa o processo do conhecimento através do contato físico-sensorial com o objeto enquanto ente histórico e conclui o processo por intuição intelectual. O ente histórico se diferencia nos vários objetos e o intelecto colhe a diferença. Após o contato, após o impacto, o intelecto realiza uma abstração de todos os elementos acessórios, chegando ao último constituinte do objeto e formaliza a identidade histórica daquele ente, individua-o, distingue-o, reconhece-o. Meneghetti (2005, p. 59, tradução nossa, grifo do autor) ressalta que esta é “uma passagem importante: o intelecto, depois de ter recebido, se exprime e é exatamente este o ponto em que *cria a palavra, a forma mentis*, a imagem, a cifra, o símbolo. [...] Esta é uma capacidade espiritual”. O homem não conhece o objeto como ele é em si mesmo, mas como é em relação ao homem cognoscente. Uma coisa é verdadeira quando é igual ao intelecto do homem, não quando é igual às suas opiniões, à sua fé, às suas ideologias. O que conhece é real porque o homem é real. Esta é a passagem, a possibilidade prevista pela norma da natureza, mas a exatidão do processo cognitivo não se verifica nos seres humanos. O que se verifica é que a sua consciência é alterada, separada do intelecto por causa da interferência do monitor de deflexão⁶. A consciência não contata o Eu originário devido à interferência deste mecanismo cerebral denominado monitor de deflexão. O mecanismo introduz um mínimo sinal que causa a distorção das percepções provenientes dos sentidos. Modifica a informação que chega à consciência, manipulando as ope-

⁶ Sobre o argumento ver MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2010.

rações lógico-mentais do sujeito. Meneghetti (2003b, p. 463, tradução nossa) explica que “este mecanismo não consente ao ser humano entrar no total do seu potencial natural, e impede a transcendência à essência original”.

Segundo Meneghetti (2003b), não só as ciências positivistas, mas inclusive a filosofia, são incapazes de alcançar o real em si, o mundo da vida. O homem procurou fazer ciência, buscando a verdade no objeto, quis fazer a busca do ser através do objetivismo fiscalista, com a estrutura das coisas, e não com a dimensão da razão da qual o homem é dotado. Para colher o primeiro real, para saber as coisas com o mundo da vida, é preciso antes superar todas as aparências, todas as fenomenologias, fazer contínua epoché. Com isso se chega à substância, à causa do ser, chega-se ao ponto de partida.

Os pensamentos, complexos, memórias, voluntarismo, operações lógico-rationais, consciência, reflexões são fenomenologias e não é através delas que se alcança aquele princípio que constitui o mundo da vida. Vidor (2013) complementa, esclarecendo que ao cientista é necessário fazer um exame dos aspectos subjetivos, pois as suas convicções, ideologias, complexos, crenças, alteram sua consciência, interferindo na exatidão do conhecimento que produz. Corrige-se a consciência e se recupera a capacidade do conhecer com exatidão fazendo diversas epochés, diversas suspensões para chegar novamente ao princípio originário da vida. Para conhecer qualquer coisa, o cientista deve partir da exatidão de si mesmo.

O que possibilita colocar em relação o símbolo, a idealidade e a causa originária é o nexa ontológico. Meneghetti (2003b, p. 461) expressa que nexa “é aquela passagem onde o

pensamento coincide com o mundo da vida”. Quando as elaborações lógicas da racionalidade de quem vê coincidem com o real do objeto; ideia e objeto são idênticos. Este nexos é o Em Si ôntico, é o eu originário, o ponto que faz a unidade entre fenômeno e originário da vida. É o agente que possibilita a reversibilidade entre real e símbolo.

Nessa mesma perspectiva, Vidor (2013, p. 133) coloca que “o Em Si ôntico se faz de elo intersubjetivo porque está em nexos com os demais: quando alguém revela o eu verdadeiro de si entra em ressonância com o eu verdadeiro de outros disponíveis, todos se reconhecem um e, através dessa percepção, acontece a evidência do ser”. O homem existe na natureza, no mundo da vida, existe dentro do ser. Colhendo plenamente o Em Si ôntico, que é o projeto de natureza, o princípio da vida, que constitui cada individuação, o homem tem a possibilidade de entrar na inteligência do ser, da lógica individual, tem acesso à lógica do ser. Como refere Meneghetti (2003b, p. 61), “conscientizando o quanto se existe e organizando em funcionalidade progressiva, se entra com autoridade no íntimo do ser”. Aprendendo como se é no próprio íntimo, entra-se na sabedoria do universo.

6 Considerações Finais

A tentativa de fazer da psicologia uma ciência segundo a lógica das ciências positivistas, cujo fim é a compreensão dos fenômenos, ou seja, o conhecimento objetivo dos acontecimentos e das relações funcionais entre esses acontecimentos, sem questionar as causas primeiras, fez com que a psicologia se afastasse da lógica subjetiva do pensamento filosófico.

Logo, para compreender o homem em sua totalidade, é necessário encontrar e compreender o princípio que lhe dá origem. Se a metafísica é a ciência que estuda os primeiros princípios, à psicologia, a fim de compreender o seu objeto de estudo, a psique humana, é imprescindível remontar à metafísica ou à ontologia.

Os psicólogos humanistas apontaram para a necessidade da quarta onda da psicologia, perceberam que as correntes existentes não davam resposta à totalidade do entendimento da natureza humana. Maslow expressa abertamente que, enquanto estudava as experiências culminantes, destruíram-se muitos dos axiomas e leis da psicologia longamente utilizados, e que se sentiu constrangido diante do que faltava para explicar os eventos que observava.

Embora não tenha sido abordada com profundidade neste estudo, apresenta-se a análise retrospectiva que Husserl faz sobre o fundamento “óbvio”, do qual partiu Galileu e que influenciou toda a ciência a partir de então. Essa obviedade da qual, em geral se parte, no final, causa a grande distorção que hoje se vivencia, pois é uma ciência, que mesmo promovendo progresso, não está mais a serviço do humano. A ciência como um todo, e em particular a psicologia, perdeu o sentido originário da vida.

Na Ontopsicologia, procura-se recuperar o ponto de origem que projeta as fenomenologias e coloca, neste ponto de origem, um elemento ontológico, que é o ser, para poder iluminar a forma de elaborar a fenomenologia. Este é o nexos ontológico. Recuperando aquele ponto, o princípio universal de todas as fenomenologias, de todas as substâncias; recupera-se a lógica da vida, a lógica da natureza, com a qual todas as substâncias estão em conformidade.

Husserl, com a sua fenomenologia transcendental, desenvolveu o método das epochés para encontrar o fundamento do saber. Meneghetti, com a Ontopsicologia, desenvolve um método para poder revisar o Eu fictício, o Eu esquematizado e tornar o Eu autêntico. Quando o Eu, inserido no contexto e por necessidade de adaptação assimila a cultura, as ideologias, a educação e se fixa nos valores provenientes do externo, perde o contato com a própria identidade, com o Em Si ôntico e, ao perder este contato constrói uma vida sem sentido. Por isso, ou o homem segue a tradição, a cultura construída pelo sistema, ou então, com extremo zelo, põe-se na escuta de si mesmo e encontra o movimento vital a partir de si. A Ontopsicologia é um método que possibilita remover ou suspender os juízos que o sujeito faz sobre si mesmo e que não coincidem com o que ele realmente é no seu íntimo, com o seu Em Si ôntico, devolvendo-lhe o sentido do ser. O Em Si ôntico é o nexos ontológico, porque do próprio ponto ôntico o homem reencontra o uno, que é único em tudo.

A partir das psicologias existentes, usando os instrumentos da Ontopsicologia como meios de passagem para encontrar o Em Si ôntico, que é a ontologia, ela então se torna o ponto de iluminação, de irradiação da exatidão das psicologias. A consciência do homem não é reversível com o real e cabe à psicologia fazer a correção da consciência para obter a exatidão do conhecimento, colocando novamente em relação idealidades e causa originária, recuperando-se assim a ontologia.

A análise proposta neste trabalho não foi uma abordagem completa e profunda dos conceitos e dos métodos propostos pelos autores, a fim de chegar novamente ao Eu originário, que

não só é o verdadeiro objeto da psicologia, mas também dá a possibilidade de fazer filosofia e ciência verdadeira. A partir do entendimento do ser, do Eu sou, do princípio que constitui o homem, chega-se ao nexos ontológico. Assim, a psicologia deve fazer a passagem do Eu fictício, do Eu esquematizado, do Eu construído pelo sistema para o Eu originário, e a filosofia dá o nexos ontológico, principalmente aos cientistas, que, ao fazer ciência, devem ser operadores deste nexos ontológico.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Storia della filosofia: la filosofia antica, la patristica e la scolastica**. v. 1. Turim: UTET, 2009.
- ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2012.
- HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica**. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- LAO-TSE. **Tao te ching: o livro que revela Deus**. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- LAO-TSE. **Tao te king**. Blumenau: Eko, 2007.
- MASLOW, A. H. **Introdução à psicologia do ser**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1962. Disponível em: <https://psicologiaespirita.files.wordpress.com/2016/04/abraham-h-maslow-introduc3a7c3a3o-c3a0-psicologia-do-ser.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2016.
- MAY, R. **A descoberta do ser**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- MENEGHETTI, Antonio. **Genoma Ôntico**. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2003a.

MENEGHETTI, Antonio. **Manuale di Ontopsicologia**. 3.ed. rev. aum. Roma: Psicologica Editrice, 2003b.

MENEGHETTI, Antonio. **O Em Si do homem**. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2004.

MENEGHETTI, Antonio. **Intelletto e Personalità**. Roma: Psicologica Editrice, 2005.

MENEGHETTI, Antonio. **Racionalidade Ontológica**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.

MONDIN, B. **Storia della metafisica**. v 1. Bolonha: Studio Domenicano, 1998.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

SPINELLI, M. **Filósofos pré-socráticos: primeiros mestres da filosofia e da ciência grega**. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

VIDOR, A. **Fenomenologia e Ontopsicologia: de Husserl a Meneghetti**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora universitária, 2013.